

A Magia da Poesia

Fabio Rocha

A Magia da Poesia

Fabio Rocha

Copyright © 2000 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional

Nome(s) do(s)
Autor(es): FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Título da Obra: LOBOS
No. Registro da Obra: 163430
Livro: 272
Folha: 68
Data de Registro: 19/11/1998
Gênero da Obra: POESIA
Obra Publicada: Não

Nome(s) do(s)
Autor(es): FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Título da Obra: A MAGIA DA POESIA
No. Registro da Obra: 193566
Livro: 332
Folha: 222
Data de Registro: 17/2/2000
Gênero da Obra: POESIA
Obra Publicada: Não

Título Original: A Magia da Poesia

Editor: Tomaz Adour
Editoração Eletrônica: Ana Petrik Magalhães
Revisão: Sônia Camara

Papel Virtual Editora
Rua Marquês de São Vicente,225
Prédio Gênese - sala 21 - A - PUC-Rio
Gávea - Rio de Janeiro - RJ CEP: 22453-900
Tel: (021) 239-0170 Ramais 2057/2026 (fax)
E-mail: editor@papelvirtual.com.br
Endereço Eletrônico: www.papelvirtual.com.br

Endereço eletrônico:
<http://www.fabiorocha.com.br>

PREFÁCIO

Diferente das fadas e magos, o livro *A Magia da Poesia* do poeta Fabio Rocha, utiliza-se somente da palavra, para encantar. “Eternizar um mínimo instante”, assim o poeta define essa magia e a eterniza nas páginas de seu livro, fazendo surgir poemas breves, em sua maioria, utilizando-se de fragmentos de vida, transformando-os em magnetos para o deleite e atenção do leitor.

O poeta segue manipulando a palavra, descrevendo em linguagem contemporânea, suas observações do mundo. Em seu poema “Quem sou” por exemplo, Fabio define-se de forma mística, e, tal como um mago, não retira sua máscara, envolvendo assim seus leitores com um manto poético de mistério.

Surpresas do desconhecido revelam-se em sua poesia causando a sensação requerida quando o poeta apresenta *LoBoS*, com seu final inesperado, fazendo deste, o ponto alto de sua composição.

Sua poesia é cartola branca de magia e carrega a sensibilidade do poeta, define sua voz em cenas do dia a dia, em experiências retiradas de sentimentos de amor, melancolia e força.

Assim é, que, na arte simples de amar o poeta distribui versos entre doces e amargos para seus amores. Virando-se as páginas do livro, encontra-se em “Divagar” a beleza de sentir que é possível retirar o lado positivo de um momento difícil. Nesta linha segue “Ah, os relógios...”, quando o poeta refere-se ao presente que ganhou, que, mesmo não sendo o seu preferido, serviu-lhe para retirar versos.

Sente-se o bom humor do poeta espelhado nos trocadilhos de palavras, ou seu descontentamento, fixado em sua exposição do mundo social: o turista e o pivete mostrando-nos suas diferentes direções, interrogando-nos sobre soluções e frente à cena de verdade expressa: “Árvores descem, prédios sobem”.

Assim é *Magia da Poesia*, livro dividido em três partes simples e práticas que o jovem poeta Fabio Rocha, com sua sensibilidade e arte, apresenta ao leitor, confirmando que poesia também é pura magia.

*Rosa Clement, poeta
Manaus, AM*

Para minha família e todos os amigos (reais e virtuais),
que tanto me apoiaram

SUMÁRIO

I Lobos

Escrever.....	13
Férias	14
LoBoS	15
Jardim.....	17
Brilho.....	18
Chuva Atual	19
O Vigia.....	20
Definição	21
Solidão.....	22
Sentido.....	23
Respirar	24
Antena	25
Medo de amar.....	26
Se eu chegasse.....	27
Janela.....	28
Pensamentos Matinais	29
Meio poema.....	30
Maria	31
Lógica.....	32
Limão	33
Ah, os relógios	34
Divagar.....	35
Filosofia Noturna	36
Cuba Livre.....	37
Tarde	38
Quem sou	39
Brilho das Nuvens.....	40
Boca cheia de dentes	41
Céu Noturno	42

II A Magia da Poesia

2000.....	45
A Magia da Poesia	46
Azrael	47
Férias Praianas	48
Psicografia Matinal	49
log 10.....	50
O Poema Sem Fim	51
Orientação Vocacional	52
O copo e a água.....	53
Manoel.....	54
Domingo dormindo	55
Guerra.....	56
Nuvem	57
Windows	58
Carnival.....	59
Óculos	60
Anjo Caído	61
Eu	62
Auto-Biografia	63
O dia certo	64
Classificados	65
Teresópolis	66
Ela	67
Matinal	68
Sonetinho.....	69
Cansaço	70
A Globalização das Mentes.....	71
Tarde Gris.....	72
Média.....	73
Junho	74
Urbanização.....	75
Soneto Onírico	76
Vitando.....	77
Pontos Cardeais.....	78
Trova	79
Sinal.....	80
Patins	81

III Sabe, sabiá

Primeiro Canto da Esfera	85
Borboleta	86
Jequitibá	87
Planta	88
Monte	89
Besouros	90
Vale	91
Segundo Canto da Esfera	92
Colibri	93
Carambola	94
Folha	95
Mata	96
O Último Canto da Esfera	97

Para encomendar este livro, entre em contato com:

Papel Virtual Editora

Rua Marquês de São Vicente, 225
Prédio Genesis - sala 21-A - PUC-Rio
Gávea - Rio de Janeiro - RJ CEP: 22453-900

Tel: (021) 239-0170 Ramais: 2057 / 2026 (fax)

E-mail: editor@papelvirtual.com.br

Endereço Eletrônico: www.papelvirtual.com.br

I
LoBoS

Escrever

Meu corpo se enche de emoções dementes,
como uma taça sob torneiras intermitentes.

Se não fosse a poesia,
para onde ela transbordaria?

Férias

A Fábio, Eduardo, Suzana e José Ronaldo Neto

Lá vai o turista
subindo a ladeira.

E corre o pivete
atrás da carteira...

Lá vem o turista
descendo a ladeira.

LoBoS

E a coruja observa.
Na calma noite fria
ela, quieta, espia.

Cai a neve molhada
sobre cada pegada
do menino sozinho.

Uivos se ouvem longe.
e a lua se enche
de um medo absurdo.

O pequeno caminha.
Vai alheio à lua
e a sorte sua.

Os lobos se aproximam.
Os caninos cintilam.
O rosnar é só um.

O maior é cinza.
Devagar, se aproxima
do garoto parado.

O rapaz se ajoelha.
Calmamente, sorri.
Há algo errado ali.

O animal nada entende
e como se fosse gente
certa pena sente.

É então que o lobo
de olhos amarelos
se deixa acariciar.

E o menino, devagar
um galho caído no chão
se põe a pegar.

Seu grito é sobre-humano
ao atingir o lobo no crânio.

Corre a alcatéia apavorada
e a criança tem sua fome saciada.

A coruja olha displicente
o garoto partindo, na paisagem inerte.
Nem triste, nem contente.

Jardim

A Marta, Mário, Ilka e Salvador

Do velho terraço cheio de limo,
pedaço cinzento de sua infância,
via as sombras da grande amendoeira.

O balanço enferrujado,
as grandes e barulhentas folhas caídas...
Parecia algo intocado, sagrado.

Um copo de água estagnado
era visitado
por miúdos pardais sedentos.

As amêndoas serviam de giz
para escrever nas paredes
que era um menino feliz.

Brilho

A Alessandra

Sempre haverá
estrelas no céu.

As nuvens passam,
as tempestades se acalmam...

Sempre haverá
estrelas no céu.

Pingue a última gota
de esperança do coração...

Sempre haverá
estrelas no céu.

E nelas verei teu sorriso.

Chuva Atual

Vendo a chuva que cai agora,
lembro daquela
que choveu outrora.

Escorrendo pelas folhas, naquele dia...
Hoje chove a melancolia.

Há o frio, Há poças,
há o cheiro da chuva na terra,
há tristeza em cada gota.

Algo nas nuvens se move.
Quem chora quando chove?

O pior é que a cada dia,
aquilo que já choveu,
de novo jamais chover poderia.

O Vigia

O vigia
vigia.

Raios de luz esguia
iluminam a rua vazia.

O vigia
vigia.

Uma brisa suave e fria
traz cheiro de terra molhada e assobia.

O vigia
vigia.

Em sua mente toca uma canção da utopia
que há muito não se ouvia.

Mas é triste a canção.
E só traz mais solidão
e melancolia.

Definição

A Daishoo

A vida é
como a lágrima que cai.

De tristeza ou alegria,
cai com poesia.

Algumas caem rebeldes, brigando.
Outras se deixam levar.

Caem tristes, felizes, esperançosas,
melancólicas, rebeldes, carentes ou desgostosas.

Mas todas que dos olhos saem,
sem exceção, caem.

E feliz da gota
que chega ao mar,

após cair longamente,
a procurar.

E a comunhão eterna, total e imutável
encontrar.

(Não conte a ninguém não,
mas algumas gotas que se juntam tem essa sensação,
mesmo antes do fim da queda.)

Solidão

Não estou só.

Há ácaros em minha pele,
insetos escondidos em meu quarto,
células estranhas em meu sangue,
vírus em animação suspensa no ar
e sua forte presença
em meu coração.

Sentido

Qual o sentido
de não ter sentido?

Nada faz sentido...
Nunca faz sentido...

O único sentido
é em frente.

Respirar

A Anelise

Inspiro o luar, que na poça dança.
A lua nos inspira.
Expiro esperança.

Antena

Quero captar,
como os Grandes,
a poesia da simplicidade.

Engenheiro que não sou,
devo desenvolver a antena
e encurtar o poema.

Medo de amar

Tenho medo.
De pensar amar alguém
e, na verdade, amar apenas
o que penso que alguém é.

Se eu chegasse

Dia 28:
sexta-feira treze,
sexta-feira fria.

O quadro negro
é verde.
Um pássaro, lá fora, assobia.

Já choveu,
já parou.
Como tudo, passou.

Sala cheia de mosquitos...
Sem sol,
fica tudo esquisito.

Pinga ou chora a árvore morta?
Ah, se eu entrasse agora
por esta velha porta...

e me encontrasse.

Janela

Ao Instituto de Física da UFRJ

A janela...
Sol refletido na construção branca...
Pessoas que são formigas e não sabem...
(A altura nos dá certa consciência)

A cabeça pesa,
cheia de malditas, inúteis, incontáveis
fórmulas.

Espano a ira
e olho adiante.

A janela chama...
As nuvens são mais bonitas
quando não se quer pensar em nada.

As árvores estagnadas
como um quadro...
O azul perfeito sobre elas...

As aves voam com mais graça,
mais devagar...
E daí se são urubus?

Num piscar de olhos,
sou um deles.
Quero ser.

Mas quando os abro novamente,
vejo apenas
uma janela.

Pensamentos Matinais

A Andréa

Acordo de acordo com o clima.
Manhã fria, eu frio.

E paro pra ver
qual é meu primeiro pensamento.

Ela de novo! Não...
Noto sobre mim a presença da burra paixão.

Meus olhos se abrem,
minha cara se fecha.

E a besta sobre mim se espanta.
A persigo pelo quarto, dentes cerrados.

Caem abajures, quadros,
rasga-se o estofado.

Não, não há medo. Nem piedade. Só ira.
Corro como nunca conseguira.

Até que alcanço a paixão.
E acabo com isso, com um mata-leão.

Meio Poema

À meia-noite,
à meia-luz que vinha das nuvens,
amei em sonhos.

Há meia-lua
no meio do céu.

Amei a lua
no meio do céu.

Há de haver um meio...
Há de haver um caminho...
Há de haver pedras no caminho...
E há de haver uma chegada...

Se você ousar sonhar.

Maria

Maria largou tudo.
Partiu como partia os cocos no quiosque.

Maria largou filhos, marido.
Sumiu como sumia seu dinheiro no fim do mês.

Maria não tinha mais problema.
Dela só sobrou o poema.

Maria largou de beber.
Maria largou de fumar.

Maria largou o facão,
cravado em sua jugular.

Maria foi encontrada
largada perto do bar.

Mas essa não era Maria.
Ela ali não jazia.

Maria apenas subia
Leve, como num sonho, ia.

Maria subia...
Para a paz, para a luz que via.

Lógica

A Andréa

Estou perdido.
Ela não me quer.

Não estou perdido
por ela não me querer.

Ela não me queria
apenas por eu não estar perdido.

Mas estar perdido é pior,
com ela não me querendo.

E ela não me querer é pior,
estando perdido.

Se eu me achar
ela vai me querer?

Se ela me quiser,
vou me encontrar?

Cansado de lógica,
vou ver o jantar.

Não há feijão na panela...
Estou perdido, com fome e sem ela.

Limão

A Drummond, Manuel Bandeira e Vera Lúcia

Atirei um limão verde
no mar dourado.

Ele não caiu!
Subiu, meio de lado.

Parou diante de mim e sorriu,
depois me disse enfezado:

Não
sou
limão
não.

Sou a pedra.
A pedra no caminho.

Pintada assim pela esperança
dos que em mim tropeçam, caem, se levantam
e continuam em frente.

Caiu na água então.
E o mar, antes dourado,
era agora verde-limão.

Ah, os relógios...

Ganhei um relógio de ponteiros
em certa manhã fria.

Na verdade,
um digital eu preferia...

Mas notei a poesia
no som que ele fazia.

Com fome, olhei a bússola
e segui pro meio-dia.

Divagar

Tropecei e caí.

No chão, deitado,
me pego abismado
com singela flor, que só agora notei.

Levanto, após divagar,
e vejo que, apesar do tombo,
não devo andar devagar.

Filosofia Noturna

Cantou, triste, a coruja:

“O ferro enferruja,
a madeira dá cupim,
o novo envelhece,
o ouro desvaloriza,
o castelo desaba,
a carne apodrece,
a fama acaba.”

Disse o vento, com calma:

“Nada é para sempre,
exceto sua alma.”

Cuba Livre

Brasil, do Fundo:
primeiro lugar no mundo
na má distribuição de rendas.

E dona Maria
só compra importados.

São melhores
e mais baratos.

E fecha outra fábrica nacional.
Aumentam os desempregados.

Políticos falam de terceira via.
E o desempregado João seqüestra dona Maria.

Sentindo sua carne ser cortada,
dona Maria lembra dos heróis de sua infância abastada.

Mas os heróis americanos
não ouvem “xicanos”.

Morre dona Maria
e, com o dinheiro do seqüestro,

João bebe Coca-Cola
e arrota com alegria.

Tarde

Minhalma vaga em silêncio.

Quer ir sempre
onde não estou.

Me chamam pra realidade.
Diga que não vou.

Quem sou

A busca é minha estrada.
A solidão, meu manto.

As estrelas, minhas antigas amadas.
As trevas, meu recanto.

A lua, minha fada.
O vento, meu encanto.

A poesia, minha magia.
O uivo do lobo, meu canto.

Brilho das Nuvens

Abriu os braços no alto do monte
e o vento ficou mais forte.

Nuvens negras saídas não sei de onde
se juntavam sobre o mar, antes calmo.

Suas barbas agitadas
escondiam um sorriso.

Um toque violento com o cajado no solo
e as nuvens brilharam.

O vento parou.
O povo tremeu.
O mar se abriu.

Boca cheia de dentes

A Raul Seixas

Meus sonhos mudaram.

Não quero trabalhar
para ninguém ajudar.
(ou para ajudar a aumentar as diferenças)

E acabar a vida montado numa cobertura
para me sentir mais elevado.

O homem já foi à Lua
e as guerras continuam.

Quero aprender
ou ensinar a ter dúvidas.

Quero ter tempo,
não dinheiro.

Quero ter vida.

Céu Noturno Maduro

A Alessandra

Cai a flor-estrela
da amendoeira.

Mas nunca cairão
as estrelas verdadeiras.

Sempre haverá estrelas no céu
e nelas não mais vejo teu sorriso.

Nem teu rosto,
nem teu brilho...

E, finalmente, a bela visão
não me traz dor, melancolia ou solidão.

Não me lembra amores impossíveis
ou lugares em que poderia estar.

Não me traz saudades do passado
nem amargura pelo que fiz de errado.

Ah, essas maravilhosas e eternas estrelas
que só agora sei olhar...

II

A Magia da Poesia

2000

É preciso começar do zero.
É preciso reinventar o belo.
É preciso perdoar o clero.

É preciso olhar pra frente.
É preciso ser contente.
É preciso, tente!

É preciso caminhar.
É preciso evoluir.
É preciso mudar.

É preciso sorrir.
É preciso ter coragem
para tentar.

Que seus pés descalços
esqueçam os passos errados
e recomecem a andar.

Caminhar
é mais importante
do que chegar.

A Magia da Poesia

A magia da poesia
é encher a lua vazia,
aproximar o tempo distante,
chorar nos ombros da alegria,
eternizar um mínimo instante.

Azrael

Galopava a vida,
Azrael em seu sonho.

Passavam planetas,
oceanos, cometas, ...

A vida era um Pégaso negro anão
que trotava sem tocar o chão.

Havia chão?
Azrael achava que não.

Acorda Azrael, bebe Sidra.
Não há sentido no sonho
nem na vida.

Férias Praianas

A Flávia, Mariana, Roberta e Juliana

Colchonetes no chão
Ventilador de teto
Excesso de tempo

Sono com sonho
Dia mais longo
Excesso de tempo

Jogo de carta
Longe de casa
Excesso de tempo

Chuva bem chata
Lama na porta
Excesso de tempo

Teto de madeira
Idéia, caderno, caneta
Excesso de tempo

(mas é melhor sobrar
do que faltar)

Psicografia Matinal

Eu sou aquele
que vai embora.
Que deixa a hora
e leva o tempo.

Eu sou aquele
que vem no vento.
Pra quem o segundo
é muito lento.

Eu sou aquele
que elabora
sem muita demora
o sonho do agora.

Eu sou aquele
que não envelhece.
Para quem a aranha
a teia tece.

log 10

Logo vi que o log de dez não era tão longo...
Longe, longe a lânguida luz lilás da calculadora
diz a verdade:
é a unidade.

O Poema Sem Fim

Nosso herói tem o poder
de salvar o mundo
se puder reaprender
a ter esperança e sonhar.

Nosso herói
pode salvar milhões,
montar dragões...

Nosso herói
só precisa se convencer:

nosso herói é você!

Orientação Vocacional

- Menino, não faz arte!

Faz arte sim, menino...
Por mais que te queiram
prender à terra, à matéria...

Estenda
esses braços ao vento
e suba!

Faça arte!

A vida passa,
a matéria passa...
Mas a arte, como o ar, continua.

O copo e a água

A Eucanaã Ferraz

Vê o copo metade cheio o otimista.
Metade vazio, o pessimista.
Bebe a água o realista.

Só vê o céu o ufologista.
Apenas vê terra o arqueologista.

Bebe o copo o louco sem metonímia.
Escreve na água o poeta sem rima.

Manoel

Do barro
fez Deus
Manoel.

Manoel via
poesia:

- nos olhos da cutia;
- no cago do sabiá;
- na calma da noite fria;
- no vazio do que não há.

Passa a manhã.
Passa a tarde.
Passa o dia.

Fica Manoel de Barros.

Domingo dormindo

A vida é bela.
Olhe pela janela.

Não procure ordem nela.
Copacabana é uma favela.

Abrace o caos, Isabela.
Dance com ele à luz de vela.

E daí que você não saiba se amanhã teremos arroz?
O agora brigou com o depois.

A realidade é esta:
É ritmo... É ritmo de festa!

(fechem as cortinas...
fechem as cortinas...
fechem as cortinas...)

Guerra

Atrás do gatilho
há um medroso.

Atrás do espelho,
um mundo novo.

Nuvem

Suave...
Serena...
Pequena...
Tenaz...

Navegava o céu.
Sem tristeza nem alegria:
em paz.

Escurecia um pouco o dia
como alvo véu
que falsa noite traz.

Aeronave!
Turbina sem pena!
Desfaz o poema,
apaga o gás.

Windows

Ah, por quantas salas passei?
Nelas,
quantos mestres distintos escutei?

E meu maior fascínio,
eu sei,
sempre foi pelas janelas.

Carnival

Maria não gosta de carnaval.
Por que será?

Todo dia ao acordar,
tira um pouco das olheiras,
bota a boca de sorrir
e vai trabalhar.

O trem treme lotado.
Na ida e na volta, pedem trocado.
Quanto suor, barulho e mascarados...

Lê a Caras quando dá,
vê novelas sem parar
e vive um pouco o que não é
nem jamais será.

Maria,
no carnaval,
fica em casa.

Óculos

Com a demolição
da casa do vizinho

há mais céu
em minha janela

e mais estrelas
em minha insônia.

Anjo Caído

A Andréa e Gregório de Matos

Ora, me perguntas se ainda te acho um anjo...
Que espécie de Serafim ou Querubim perguntaria?

É por ser humana, normal, mortal e carnal
que elogio tal
te elevou um pouco do chão.

É por causa do peso de agora
que queres ouvir
o que ouviu outrora.

É por conseguir usar a razão
que hoje respondo: não.

Eu

Eu sou o eu-lírico.

Sou aquele que cala
e pela folha fala.

Sou aquele que pára
e pela folha dispara.

Sou aquele que não se encaixa
e pela folha relaxa.

Sou aquele que finge
e pela folha vive.

Auto-Biologia

Meus ouvidos distraídos
não querem ouvir louvor.

Meus olhos cansados
não querem ver beleza.

Meus dedos cerrados
não querem escrever amor.

O dia certo

No dia em que a mulher de negro
me cobrir com seu xale,

Na hora em que a escuridão
inundar o vale,

não reguem com lágrimas o capim:
não estarei ali.

E coloquem sobre mim
o anjo que não fui.

Classificados

Vendo poema
Qualquer tema

Nenhum uso ou dono anterior
Injeção eletrônica sem dor

Ar condicionado de fábrica
Quando não está calor

Compre o poema novinho
Invista em seu bem-estar

Se o poema não andar
Há pedras no caminho

Teresópolis

A Antonieta e Ilton

Ah! Que saudades
da pedra abraçada,

da penetrante serenidade
do canto sem fala,

da imóvel continuidade
do fluir eterno.

Ah, rio... Moro na cidade
mas vivo no campo.

Ela

Sou cavaleiro sem donzela
e meu escudo é uma tela.

Se eu não pensasse nela...

Suo frio na capela
se há casamento na novela.

Se eu não pensasse nela...

Sonho meu que não é meu:
já sonhava Romeu.

- Quem pensa? Ela ou eu?

Matinal

Nem o sol vence a bruma inerte.
É tão cedo que até o vento dorme.
Como você quer que eu desperte?
Morfeu tem um poder enorme...

Sonetinho

Cri
No
Ar:
Criar

Crer
No
Ser:
Crescer

Rir e
Mar:
Rimar

Vir no
Ver:
Viver

Cansaço

Cansei de procurar o definitivo pelos ares.
O melhor do caminho não está em seu fim.

Melhor fechar os olhos no fundo dos mares
e tocar o hoje: pó de pérolas e marfim.

A Globalização das Mentas

Macacas sem pelo
balançam-se pelo
corredor.

Com falsas peles coloridas
apertando as pernas,
entrando nas entranhas escondidas.

Algumas se olham
e mostram os dentes.

Comparam seus penduricalhos,
invejam suas conquistas...

E nunca têm tempo
pra notar que são macacas globalizadas.

Tarde Gris

Quero achar no fundo de minha rinite
algo que justifique
o inverno.

Por mais que espirrar irrite
não chega a ser um inferno:

lá é quente.

Média

O Maracanã é o novo Coliseu.
Sonho meu?
Quem dera fosse.

Jogos via satélite,
amor via internet...

Via pessoas,
vejo consumo.

Queria viver a vida,
mas a mídia
fica no meio.

Junho

Sobe o balão...
Volta no tempo a visão.

Fogos na cangalha
explodem sem falha.

Ao lado da fogueira,
o beijo vermelho de Rosa...

Saborosa Rosa...
Falava pelas sobrancelhas.

Olha a cobra!
É mentira.
Milho de sobra?

Ah, a maçã do amor...
De Rosa, o calor...

Chuvisca.
Cai a bucha do balão
na chama. Em cheio.

Anarriê.
Tomo quentão
com você.

Fogos de ontem,
cadê?
Chuva de hoje.

Urbanização

A madeira
Molda
O concreto

Árvores descem
Prédios sobem

A madeira
Sente
O martelo

O que era vida
É casca de pilastra
A apanhar

Soneto Onírico

Ednaldo é um pernetta,
capitão do Potiguá.
Que vontade que ele tem
de vencer o Guarará.

E de tanto subir serra
com vontade de ganhar,
dicionário deu-lhe asas
para os sonhos alcançar.

Mas me disse Astrobaldo:
- Sonho besta o do Ednaldo!
E eu tive que calar.

Se o leitor achar medonho
o poema ou o sonho,
o convido a escalar.

Vitando

Hoje eu quis violar o vôngole,
com a vontade das virilidades vazias de virgens vigárias.
Queria eu que o verso vomitório alimentasse o voro dos voventes.
Mas ninguém comeu o versuto versudo.

E o vozeamento que ouvi
não foi volúpia...
Foi o vurmo dos vunjes,
no cume do vuvu.

Vermina a vérmina nos vernáculos.
O vermelho veementemente verdece, verdeja...
Como verduras em vergôntea.
Verga a vergamoteira, vazia de vergamotas, com a ventaneira.

Talvez vuzar o vulgar, essa velhacagem,
me tenha feito vulnerável.
Talvez o verso versicolor e vulnífico
tenha se voltado contra minha voz dessa vez.

A vuva víride verticiliflora no vale vulcânico
tem o caule volubilado?
Ah, volteaduras de vocábulos vazios...
Vã chance de fazer uma volatina...

Não sou volapuquista!
No vale não há voçoroca!
Vociferarei enquanto viver.
Pois a vida não é vitrescível.

Viva a viciosidade dos videocassetes!
Viva as vicissitudes das viagens!
Vacas vivas, somos vítimas
Da volúpia dos violões e das vozes veludasas.

Pontos Cardeais

Meu amor é plenilúnio.
Meio branco, meio azul.

O problema é o infortúnio:
vou pro norte, ela pro sul.

Trova

Foi tentando fazer trova
numa noite mal dormida
que sonhei com a canção
cantada por minha vida.

Sinal

Vermelho pare
e verde siga.

A segurança
é coisa antiga.

(No caos urbano
fenece a vida)

A igualdade:
lenda falida.

(Na pressa vã
esvai-se a vida)

Nunca há paz,
sempre há briga.

(O tiro errado
acerta a vida)

Na ambulância,
uma ferida.

(Na correria
acaba a vida)

Vermelho pare
e verde siga.

Patins

No cinema,
Al Pacino

No armário,
a pátina

Na verdade,
eu patino
sobre minhas teorias congeladas.

III

Sabe, Sabiá...

Eliseu se perdeu de si mesmo. Num certo dia, saiu de seu apartamento, de seu emprego, de sua família e foi para o Norte, deixando esses escritos pelo caminho. Eliseu não se achou mais.

Primeiro Canto da Esfera

Sorria a manhã
Amanhã.

De tudo
O que é belo,
Ficou amarelo.

Sabia, ave sã?
Há Sabiá em Canaã!

E pra que comer marmelo
Se o que brilha na boca do céu
Não é o que melo?

Borboleta

A lagarta e a crisálida
A lagarta é a crisálida

A larva
Alarga, alarga, alarga...

Borboletra.

Jequitibá

Via eu nas coisas
Coisas que não havia.

Hoje vejo palavras
Nas ranhuras que não há
Desse Jequitibá.

Mangava a manga de mim.
Mangabas à parte, manco.

Há um coro de incoerências
A cada passo do meu térreo andar.

Mas o importante é que ando.

Não mais vou vivendo...
Tudo indo...
Vou levando...

Agora ando!

Vou pelo mato,
Sem pensar muito no fato.

Planta

Com fome de janta,
Escrevi numa planta.

A fome não passou,
Mas o poema fotossintetizou.

Monte

No pico do monte
Não havia árvore.

Queria uma fonte!
Não havia água.

Queria uma vida.
Pisei na formiga.

Subi numa tábua
E caí na mágoa.

Que foi esse tempo?
Sem ti, desalento.

E o frio não é
O frio de sombra.

E o frio não é
O frio de vento.

(desci do monte)

Besouros

Esses besouros quase azuis
Em uníssonos dizem:
“Sempre dê o melhor de si.”

As cigarras (se) reproduzem:
“De si,
De si,
De si.”

Desci do monte.

Vale

Desci eu,
Desceu o sol.

Tropecei,
Caiu a noite.

Não...

Houve um instante antes...
Um instante lilás e fugaz

Em que o rio
Ficou dourado a meus pés.

Em que o vento as árvores lambeu
E seu gosto senti.

Em que o pássaro entre suas asas se escondeu
E dormi.

Segundo Canto da Esfera

Bem te vi!
Bem te vi!

Estou perdido?
Ou me perdi?

Bem te vi!
Bem te vi!

Estou maluco?
Ou enlouqueci?

Bem te vi!
Bem te vi!

Eu sei, eu sei...
Já acordei...

Colibri

Eis aqui
O colibri.

Por que tanta pressa?
(senti)

Há nele algo
De helicóptero fidalgo.

Carambola

Agarrei a carambola.
É azeda como esmola.

Há garra?
Cigarra.

Não reconheço minha mão.
Mão reconheço minha? Não!

A garra agarrou.
Pronto final.

Mas minha cara nessa lagoa de caramujos,
Lucidamente, comendo carambolas,
Não é minha.

Não sou eu, mas ninguém o é.

Folha

Às vezes andamos demais.
Às sempre ganha de rei.

Comunico a quem interessar possa
Que uma mosca esverdeada não deixa rastro.

Andar é bom.
Mas hoje está quente.

Não sei se sou,
Mas sei se suo.

Meritíssimo, algo me diz que fiz Direito.

Eu
Era
Fera.

A folha caiu exatamente no meu olho esquerdo!
Por que não no direito?

- Culpado!

Mata

Boa noite.

Hoje descobri que não há televisões no mato.

Apesar de haver muito mato, matas, mata,
matamos, matais e matam na televisão.

Minha espécie teve que matar um esquilo.
Eis um ex-esquilo, esse esquilo assassinado.
Como eu.

Chega.
Melhor seguir pro leste.

Último Canto da Esfera

E, finalmente
A ex-fera chegou ao mar.

Escreveu na areia:
“Cabe numa folha
a profundidade do mar de Camões...”

Esqueceu de assinar
Seu último canto.

Espera tatuí...
Ex-feras não tem cantos!

Ex-fera nada.

Caro(a) Leitor(a),

A poesia, para estar viva, precisa de olhos. Não basta o papel. Obrigado pela leitura.

Este é um trabalho independente e gratuito, que pode ser distribuído pela internet.

Se tiver gostado, mande aos seus amigos. Caso contrário, aos inimigos... 😊

Uma das coisas de que mais gosto é ver estes versos se espalhando como vírus pela grande rede...

Um grande abraço e obrigado mais uma vez,

Fabio Rocha

e-mail: fabiorocha@fabiorocha.com.br

site: www.fabiorocha.com.br